

PIONEIROS DA QUÍMICA

Oswaldo de Almeida Costa

Nasceu em Campo Grande, zona rural do Distrito Federal, em 15 de fevereiro de 1898. Era filho de Manoel Almeida Costa e de Francisca Caldeira de Alvarenga Costa. Formado em Farmácia pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1917), começou sua carreira com uma farmácia no interior. Em 1925, classificou-se em 1º lugar no concurso de admissão de químico no Laboratório Bromatológico do Departamento Nacional de Saúde Pública. Em paralelo, iniciou sua carreira docente, como professor interino de química bromatológica e toxicológica (1925-1930) e professor de química analítica (1929) na Escola de Medicina e Cirurgia. Em 1933, foi admitido como professor da cadeira (disciplina) de farmacognosia da Escola de Farmácia anexa à Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, onde permaneceu até sua aposentadoria na já Faculdade Nacional de Farmácia da Universidade do Brasil. Isso o obrigou a deixar o Laboratório Bromatológico quando teve de fazer a opção por uma das funções que exercia. Nesse laboratório, Oswaldo se notabilizou pelas análises químicas de toda uma variedade de produtos, destacando-se as saponinas, glicosídeos presentes em alimentos e bebidas, especialmente as espumantes. Eram motivo de preocupação nos laboratórios bromatológicos desde o início do século XX por serem de natureza tóxica, sendo condenadas pelo Código Bromatológico Brasileiro. O trabalho “Estudo da pesquisa das saponinas”, apresentado no Primeiro Congresso Brasileiro de Química por Oswaldo descreve a presença de saponinas em cervejas produzidas no Rio de Janeiro, e cuja origem estava no lúpulo utilizado na produção da bebida. Era um fato desconhecido até então. Esse trabalho foi referência por décadas na área de alimentos e nutrição.

Oswaldo foi membro de comissões examinadoras de concursos realizados na Faculdade Nacional de Farmácia e em outras instituições em diversos estados da federação.

Publicou muitos trabalhos originais sobre plantas nativas com virtudes medicinais e outras até alucinógenas,



Oswaldo Costa

algumas de uso entre os índios brasileiros, envolvendo aspectos de botânica, histologia, físico-química e farmacologia. A qualidade de suas pesquisas o colocam entre os grandes pesquisadores da primeira metade do século XX, chegando a ser chamado pelos colegas da classe farmacêutica como o “príncipe da farmácia”. Atuou em revisões da Farmacopeia Brasileira. Em 1937, foi eleito para a Academia Nacional de Medicina.

Por sua atuação acadêmica (ensino e pesquisa), Oswaldo de Almeida Costa recebeu em 1958 o título de Professor Emérito da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Foi sócio e membro ativo da Sociedade Brasileira de *Chimica*, da qual foi cofundador e presidente (1938-1939), da Associação Brasileira de Farmacêuticos, onde ocupou vários cargos, e sócio fundador da Sociedade Brasileira da História da Farmácia. Foi sócio correspondente da Sociedade de Farmácia e Química de São Paulo, da Asociación Química Argentina e da Real Academia de Farmácia de Madrid; membro titular da Academia Nacional de Medicina, da Academia de Medicina e Farmácia Militar, e sócio honorário da *Asociación Escuela de Química y Farmácia de La Universidad Central do Ecuador*; membro correspondente da *Société de Chimie Biologique de Paris*, da *Association of Official Registering Chemists* e da *American Pharmaceutical Association*. Recebeu ainda o diploma de “Honra ao Mérito” e a “Medalha Comemorativa” dos 350 anos de fundação da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência. Faleceu a 20 de maio de 1983, no Rio de Janeiro, aos 85 anos.

BIBLIOGRAFIA

<https://www.anm.org.br/oswaldo-de-almeida-costa/>. Acesso: 7 de janeiro de 2021.

O farmacêutico do mês – Oswaldo de Almeida Costa. A Gazeta da Farmácia, Rio de Janeiro, ano XIII, n. 146, junho de 1944, p. 2.

Cartas - Mestre emérito. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano XCIII, n. 61, 8 de junho de 1983, p. 10.

PIONEIROS DA QUÍMICA

Álvaro de Bittencourt Carvalho

Sua carreira militar começou muito cedo. Em 1903 já era soldado do Exército Brasileiro. Em seguida, foi aluno da Escola de Engenharia e Artilharia, em Realengo, região da Zona Rural do Distrito Federal, e da Escola Militar. Formou-se em engenharia e especializou-se em química de guerra. Transferido para Fortaleza, em 1921, atuou no Colégio Militar do Ceará como professor de física e de química após prestar concurso, desligando-se do Ministério da Guerra. Voltou a Niterói em 1922. Foi professor no Colégio Santa Rosa, mas antes de sua ida à capital cearense, já atuara em outras escolas na capital fluminense.

Álvaro Bittencourt de Carvalho se notabilizou por seu trabalho apresentado no 1º Congresso Brasileiro de Química, em novembro de 1922: “A química: nova arma de guerra”. Era um assunto muito delicado naquela época devido ao emprego recente de substâncias tóxicas como arma de guerra (dicloro, fosgênio, lewisita, “gás mostarda” etc.) na I Guerra Mundial, que acabara quatro anos antes do Congresso de Química. Muitos de seus impactos perduravam na memória e na vida das pessoas daquele tempo. A notícia do uso de armas químicas (na época, “gases asfixiantes”) causou perplexidade e horror na opinião pública em geral, levando, dentre outras consequências, a criação da IUPAC, em 1919, e o estabelecimento do Protocolo de Genebra, em 17 de abril de 1925. Em um esforço diplomático internacional, buscava-se limitar a proliferação e o uso das armas “de destruição em massa”. O Protocolo previa a proibição do uso, mas não a posse, de armas químicas. Ele só se aplicava aos países signatários e não continha a previsão de sanções para quem o violasse. Além disso, alguns países não o assinaram, como os Estados Unidos, enquanto outros o fizeram com ressalvas.

No desenrolar das Sessões da Terceira Comissão do Primeiro Congresso Brasileiro de Química e nas Sessões Plenárias, o interesse pela química relacionada à guerra era evidente. Havia naquela época uma preocupação dos militares brasileiros com a iminência de outra guerra em

grande escala, e o Brasil precisava estar preparado para um evento dessa magnitude. Segundo Álvaro de Bittencourt Carvalho, para tal, era necessário direcionar os profissionais da química para prestarem um serviço militar especificamente voltado à área científica, permitindo a organização de uma indústria química voltada para a defesa nacional. Tal clima era motivado pela instabilidade política em grande parte do mundo. Cláusulas abusivas do Tratado de Versalhes, crises socioeconômicas, disputas por influência comercial, ressentimentos dos países perdedores da I Guerra e a ascensão de regimes totalitários (nazismo, fascismo, stalinismo) acabaram, ao longo das décadas de 1920 e 1930, suscitando guerras localizadas, às vezes sangrentas, como a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), a invasão da Abissínia (atuais Etiópia e Eritreia) pela Itália (1935-1936) e a invasão da China pelo Japão (1937-1945). Em suma, uma das consequências do período logo após a I Guerra Mundial foi a II Guerra Mundial.

Em dezembro de 1922, Álvaro de Bittencourt Carvalho publicou seu trabalho como um livreto. A imprensa reconheceu que tal obra era de grande importância porque chamava a atenção para o valor da contribuição da química no aparelhamento militar do país. O autor frisava que *devemos não nos esquecer nunca que a defesa nacional é função direta e imediata dos recursos químicos de que o Brasil possa sempre dispor*, sendo reconhecido que a garantia de suprimento é vital na indústria de guerra, *a química é a alma dos exércitos*.

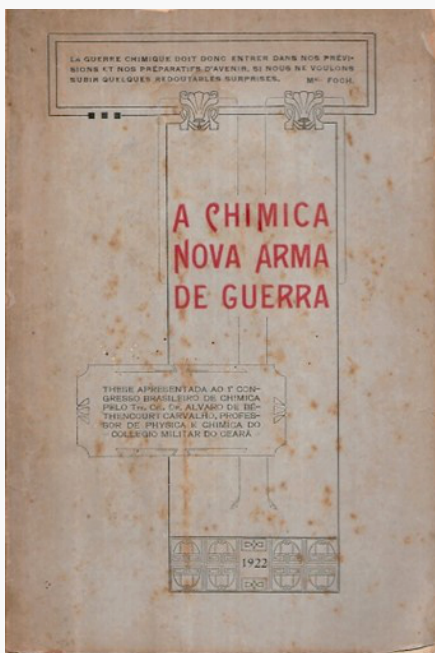
Ele recordou a frase do Marechal Ferdinand Jean Marie Foch (1851-1929), que teve atuação marcante na I Guerra Mundial: *a guerra química deve entrar em nossas previsões, em nossos preparativos de futuro, se não quisermos sofrer algumas formidáveis surpresas*. Por isso, a imprensa destacou que o autor recomendava a organização dos quadros do serviço químico militar, o aperfeiçoamento do ensino químico, o balanço dos nossos recursos, a superintendência das indústrias transformáveis em indústrias de guerra, o aproveitamento

das quedas d'água, a criação de grandes indústrias químicas, a ajuda das pesquisas, a aquisição das invenções etc. Dois anos depois, a íntegra do trabalho de Álvaro e o seu parecer, de autoria de Álvaro Alberto da Mota e Silva (1889-1976) eram publicados na Revista Marítima Brasileira, periódico da Marinha do Brasil.

A trajetória de Álvaro de Bittencourt Carvalho reservaria uma decisão corajosa em um evento pouco conhecido e hoje praticamente relegado ao esquecimento. No curso da chamada Revolta Paulista (julho de 1924), as lideranças revoltosas exigiam, dentre outros pontos, a renúncia do Presidente Arthur da Silva Bernardes (1875-1955) e a implantação de reformas governamentais. Em resposta, as tropas legalistas (leais ao presidente e ao governador do Estado, Carlos de Campos – 1866-1927) bombardeavam São Paulo pelo ar. Por sugestão do Almirante Alexandrino Faria de Alencar (1848-1926), Arthur Bernardes estava decidido a lançar fôsgênio sobre a população. Como a produção dependia do então Coronel Álvaro, este reagiu enérgica e vigorosamente, opondo-se àquele ato de selvageria de guerra. Sua resistência sobre-humana às pressões do Governo e de seus superiores obrigou Arthur Bernardes a recuar da ideia. Por ocasião de sua morte, em 7 de maio de 1928, com cerca de 55 anos, a Câmara dos Deputados aprovou um voto de pesar, relembrando o ato, tido como heroico, salvando a capital paulista e o país de uma tragédia de proporções imprevisíveis: uma população despreparada, autoridades

sem planos de socorro naquela emergência, nem equipamentos e máscaras para assistir aos atingidos pela nuvem mortal.

Foi o maior conflito urbano do Brasil, que terminou com a vitória das tropas legalistas depois de 23 dias de combates e mais de 500 mortos.



"A química: nova arma de guerra", de dezembro de 1922, um mês após o 1º Congresso Brasileiro de Química

BIBLIOGRAFIA

- Exército*. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, ano III, n. 668, 10 de abril de 1903, p. 2.
- Escola de Artilharia e de Engenharia*. O Paiz, Rio de Janeiro, ano XXV, n. 8957, 13 de abril de 1909, p. 2.
- Guerra*. A Imprensa, Rio de Janeiro, ano X, n. 1955, 11 de dezembro de 1913, p. 4.
- A ginástica e o esporte nas instituições de ensino militar em Fortaleza*. Educare – Revista Científica do Colégio Militar de Fortaleza. 2011, ano III, n. 3, p. 19.
- Concurso no Collegio Militar*. O Paiz, Rio de Janeiro, ano XXXVII, n. 13360, 19 de maio de 1921, p. 6.
- Ministério da Guerra*. O Paiz, Rio de Janeiro, ano XXXVII, n. 13540, 15 de novembro de 1921, p. 5.
- ANNUNCIOS – Tenente-Coronel Álvaro B. de Carvalho*. O Fluminense, Niterói, ano 51, n. 13856, 3 de junho de 1928, p. 2.
- SILVA, Gustavo Rocha; BORGES Jr., Itamar; VILLAR, José Daniel Figueroa; CASTRO, Alexandre Taschetto de. *Defesa química: histórico, classificação dos agentes de guerra e ação dos neurotóxicos*. Química Nova, 2012, v. 35, n. 10, p. 2083-2091.
- A Allemanha preparada para uma nova guerra? Os cientistas estudam os gases asphyxiantes*. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, ano XLVIII, n. 60, 13 de março de 1923, p. 2.
- A guerra chimica*. O Paiz, Rio de Janeiro, ano XLII, n. 15113, 7 de março de 1926, p. 5.
- A guerra e a chimica*. Revista da Semana, Rio de Janeiro, ano XXIV, n. 24, 9 de junho de 1923, p. 16.
- Livros Novos - Tenente-Coronel Dr. Álvaro de Bittencourt Carvalho — A Química — Nova Arma de Guerra — 1922*. Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, ano 96, n. 343, 12 de dezembro de 1922, p. 3.
- A chimica, nova arma de guerra*. O Fluminense, Niterói, ano 45, n. 12171, 13 de dezembro de 1922, p. 1.
- CARVALHO, Álvaro de Bittencourt. *A chimica – nova arma de guerra*. Revista Marítima Brasileira, 1924, ano XLIII, n. 7, p. 495-524.
- A legalidade restabelecida*. Correio Paulistano, São Paulo, n. 21911, 29 de julho de 1924, p. 1-2.
- Um grande homem esquecido. São Paulo deve-lhe o não ter sido asphyxiada pelas tropas bernardescas*. Diário Nacional, São Paulo, ano I, n. 268, 23 de maio de 1928, p. 12.
- ASSUNÇÃO, Moacir. *São Paulo deve ser destruída: A história do bombardeio à capital na revolta de 1924*. São Paulo: Record, 2015, 336 p.
- Tópicos e notícias*. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, ano XXVII, n. 10236, 23 de maio de 1928, p. 4.
- Tópicos e notícias*. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, ano XXVII, n. 10235, 22 de maio de 1928, p. 4.
- A Câmara, afinal, começou a trabalhar*. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, ano XXVII, n. 10236, 23 de maio de 1928, p. 5.
- É humano ou deshumano o uso de gases asphyxiantes pelos exércitos?* Correio da Manhã, Rio de Janeiro, ano XXVII, n. 10142, 3 de fevereiro de 1928, p. 1 e 5.

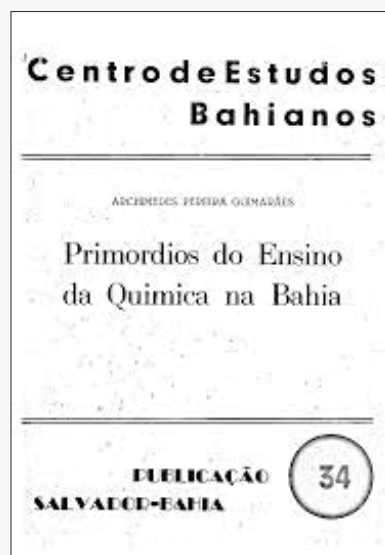
PIONEIROS DA QUÍMICA

Archimedes Pereira Guimarães

Filho de José Pereira Guimarães e Zulmira Pereira Guimarães, Archimedes nasceu em Campinas em 14 de julho de 1894. Ainda criança, mudou-se para Santos onde fez o ensino primário. Foi para São Paulo cursar o ginásio. Em 1912 era aluno da Escola Politécnica daquela cidade, formando-se em dezembro de 1917 como engenheiro mecânico-eletricista com excelente aproveitamento acadêmico. Archimedes viajou à América do Norte, onde trabalhou e completou a sua formação acadêmica. Trabalhou como auxiliar químico nos Laboratórios da *Deaborn Chemical Company* de Chicago.

Logo após participar do Primeiro Congresso Brasileiro de Química, onde apresentou o trabalho “Algumas notas sobre os cursos de química nos Estados Unidos”, ingressou como docente do curso de química industrial da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária, mas em 1923 se transferiu para Salvador, onde foi catedrático de química tecnológica na Escola Politécnica da Bahia (1923 a 1939), e Diretor do Instituto de Tecnologia da Bahia de 1946 a 1961. Foi ainda Diretor da Instrução Pública (1929-1931), secretário da Agricultura, Indústria e Comércio, secretário da Fazenda, sócio benemérito e presidente da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência, sócio do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, diretor da Escola Agrícola (1932-1935), vice-presidente da Associação Brasileira de Educação (1934-1935), diretor da Escola Politécnica (1939-1944), diretor interino da Faculdade de Filosofia (1942-1944), diretor do Instituto de Tecnologia da Bahia (1949-1959), membro do Conselho Diretor da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (1957-1965), presidente da Associação Baiana de Educação, da Associação Cultural Brasil-Estados Unidos, e do Conselho

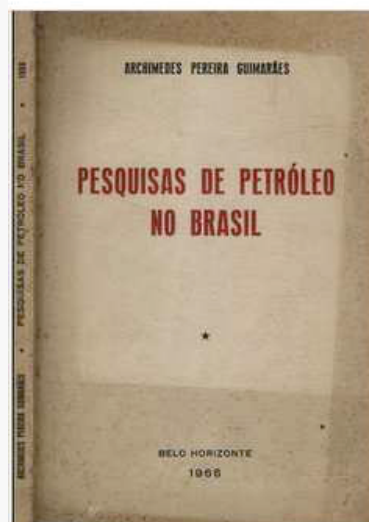
Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia da 3ª Região. Archimedes exerceu ainda, em Salvador, na década de 1930, o magistério da química em instituições privadas de ensino secundário, como o Ginásio Ypiranga.



Archimedes foi parceiro de Anísio Teixeira nas reformas do ensino na Bahia na primeira metade do século XX. Tinha particular preocupação com as questões de nomenclatura química.



Algumas das obras de autoria de Archimedes Guimarães



Ajudou na implantação de um Instituto de Química Industrial em Aracaju, então governado por Maurício Graccho Cardoso (1874-1950), que fora também professor na Escola Superior de Agricultura.

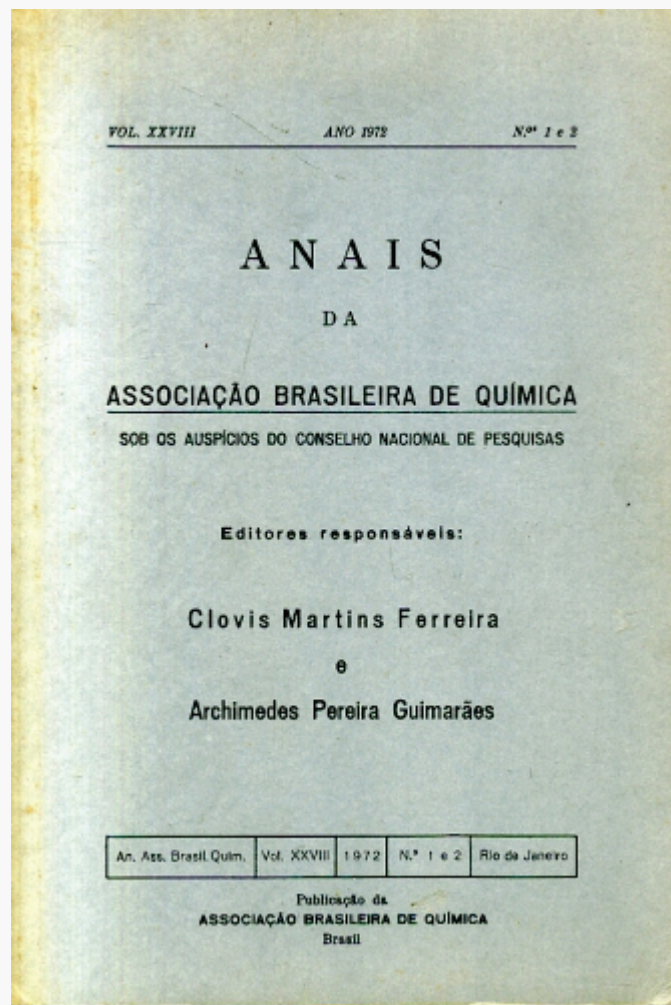
Pesquisador extremamente ativo, Archimedes legou uma ampla produção bibliográfica, que abrange áreas diversificadas do conhecimento na forma de artigos de jornal, artigos e notas em periódicos científicos, livros e obras literárias. Exemplo disso são os 22 artigos que publicou na Revista de Química Industrial entre 1957 e 1967, versando sobre as mais variadas áreas da química, incluindo a história da química no Brasil. Muitos desses artigos eram de seu “Curso de Química Tecnológica”, também publicado na Revista Brasileira de Química, de São Paulo. Em seu tempo, Archimedes foi muito influente em seu meio, transitando em muitas áreas diferentes e tinha contato com as autoridades públicas da época.

Participou de várias associações científicas, incluindo a Sociedade Brasileira de *Chimica* (SBCh), a Associação Brasileira de Educação, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, a Associação Baiana de Educação, o Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia da 3ª Região, a Associação Química do Brasil (AQB) e a Associação Brasileira de Química (ABQ). Nestas duas últimas, foi muito atuante na regional Bahia e na editoração dos Anais da ABQ. Além de participar de congressos promovidos pela AQB e pela ABQ, fez-se presente no 2º Congresso Brasileiro de Química e no III Congresso Sul-Americano de Química, ambos promovidos pela SBCh em 1937, na área de educação.

Foi casado com Ana Maria Selmi Guimarães (1908-1981), com quem teve quatro filhos. Foi assassinado em casa, juntamente com sua filha Mafalda, em Belo Horizonte, em 7 de julho de 1984.

BIBLIOGRAFIA

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. *O engenheiro e o memorialista: Archimedes Pereira Guimarães e a química como visão de mundo*. Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação. Aracaju, Universidade Federal de Sergipe/Universidade Tiradentes, 2008, 15 p.
<http://www.arquivohistorico.poli.usp.br/index.php/>



Anais da ABQ na qual Archimedes é um dos Editores (1972)

archimedes-barreto-pereira-guimaraes (Dossiê 417). Acessado em 17 de maio de 2021.

BARBOSA, Esther Augusta Nunes. *A revista infância excepcional (1933 – 1979): uma contribuição para a história da educação especial*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2019, 168 p.

Índice Biográfico de Sócios da Associação Brasileira de Química, 3ª edição. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Química, 1957, p. 74.

Índice Biográfico de Sócios da Associação Química do Brasil, 2ª edição. Rio de Janeiro: Associação Química do Brasil, 1943, p. 57-59.

Nota do Editor

Os trabalhos de Archimedes Pereira Guimarães publicados nesta revista podem ser acessados a partir do índice de autores (www.abq.org.br/rqi/RQI-lista-por-autores.pdf)

PIONEIROS DA QUÍMICA

Djalma Hasselmann

Nascido no Rio de Janeiro em 22 de agosto de 1892, era filho de José Frederico Hasselmann e Ernestina Pedreira. Ingressou na Escola Politécnica em 1910, mas somente concluiu o curso de engenharia civil em janeiro de 1919. Em paralelo, já atuava em estabelecimentos de ensino, como na Escola (Superior) de Agricultura anexa ao posto zootécnico de Pinheiral (1912-1917) e no Ginásio Brasileiro (1917). Em 1917, foi nomeado pelo Ministro da Agricultura auxiliar do laboratório de química do Serviço de Fiscalização da Manteiga, e logo a seguir incorporado ao Instituto de Química Agrícola do Jardim Botânico (1918), onde atuou até a década de 1930.

Participou do 1º Congresso Brasileiro de Química, apresentando os trabalhos “Composição das águas de chuva no Distrito Federal” e “Poudrette do Distrito Federal”, ambos publicados, respectivamente, em 1929 e 1931 na Revista Brasileira de Química, o primeiro periódico da área do país. Djalma Hasselmann foi um dos sócios-fundadores da Sociedade Brasileira de Química.

Entretanto, sua vida foi principalmente pautada pela atuação na área de ensino. Foi professor do Colégio São Bento (1927) e da Escola Normal (nomeado em 1931), mais tarde rebatizado como Instituto de Educação (atualmente, é o Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro). Naquela época, seus livros (cartilhas) de química eram muito populares no ensino secundário (médio). Elaborou ainda materiais didáticos para demonstração e estudo pelos alunos. Em dezembro de 1939, por Decreto do Presidente Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954), Djalma Hasselmann foi alocado na recém-criada Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, assumindo as disciplinas de química geral e inorgânica e química analítica. Ocupou a Vice-Diretoria e a Diretoria da Faculdade, e mais tarde, a chefia do Departamento de Química. Seu amor ao ensino e a busca de métodos para aprimorá-lo eram reconhecidos pelos seus pares e alunos. Em 14 junho de 1950, aposentado, em cerimônia solene, foi-lhe concedido o título de Professor Emérito da Universidade do Brasil.

Casou-se em 1912 com Lídia Melo Azevedo Silva, com quem teve sete filhos, um dos quais era Sylvia Hasselmann (1913-1997), a primogênita, formada em

medicina pela então Universidade do Rio de Janeiro (1935), atual Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faleceu em 1º de dezembro de 1982, aos 90 anos.

BIBLIOGRAFIA

Vida acadêmica – Escola Polytechnica. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, ano IX, n. 3180, 2 de abril de 1910, p. 3.

Colação de grão. O Imparcial, Rio de Janeiro, ano IX, n. 1208, 25 de janeiro de 1919, p. 5.

Agricultura. A Imprensa, Rio de Janeiro, ano IX, n. 1757, 24 de outubro de 1912, p. 5.

Gimnasio Brasileiro. O Abecê... Rio de Janeiro, ano I, n. 1, 6 de outubro de 1917, p. 4.

Portarias. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, ano XLII, n. 18, 18 de janeiro de 1917, p. 2.

Instituto de Chimica. Almanaque Laemmert para 1918, 74º ano, Rio de Janeiro, 1918, parte I, p. 791.

Escola Normal. Almanaque Laemmert para 1925, 81º ano, Rio de Janeiro, 1925, v. I, p. 762.

Nomeações de docentes para a Escola Normal. A Batalha, Rio de Janeiro, ano III, n. 372, 24 de março de 1931, p. 2.

Muzeus Escolares. A Escola Primária, Rio de Janeiro, ano XIX, n. 3, junho de 1935, p. 56-59.

Atos do governo. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano XLIX, n. 299, 19 de dezembro de 1939, p. 5.

Decretos assignados. O Imparcial, Rio de Janeiro, ano V, n. 1405, 19 de dezembro de 1939, p. 2.

Decretos assinados em diversas pastas. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, ano XLIV, n. 15490, 4 de maio de 1945, p. 2.

MASSENA, Elisa Prestes; SANTOS, Nadja Paraense dos. *O Instituto de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro, da pós-graduação à incorporação dos cursos de graduação: uma perspectiva histórica.* Química Nova, 2009, v. 32, n. 8, p. 2238-2248.

Concessão do título de professor emérito. Diário de Notícias, Rio de Janeiro, ano XX, n. 8478, 13 de junho de 1950, p. 12.



Exemplos de quadros demonstrativos de metais da tabela periódica elaborados pelo Prof. Djalma Hasselmann. De cima para baixo: mineral donde é extraído; formas de apresentação do metal e aplicações como metal puro ou ligas e seus compostos. Acervo Museológico dos Laboratórios de Ensino de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

PIONEIROS DA QUÍMICA

Carlos Ernesto Júlio Lohmann

Carlos Ernesto Júlio Lohmann (no original, Karl Ernest Julius Lohmann) nasceu em 3 de julho de 1873 Arnhem, Holanda. Era filho de Wilhelm Gottlieb Cristian Lohmann e Christine Lucie Bertha Schreiber. Formado em química, veio para o Brasil por volta de 1904 a convite do Ministro Miguel Calmon Du Pin e Almeida para implantar o cultivo do chá na Bahia. Em seguida, veio para o Rio de Janeiro, vindo a trabalhar no Museu Nacional (1910-1916). Chefiou o laboratório de química vegetal, que ele próprio ajudou a montar e equipar com o que havia de mais moderno na época. Em 1916, por designação do Ministro da Agricultura, Indústria e Comércio, Carlos Lohmann foi deslocado para a Estação Geral de Experimentação de Escada, Estado de Pernambuco.

Em 1918, mediante concurso e classificado em 1º lugar, ingressou na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, assumindo a cadeira (disciplina) de química inorgânica descritiva e analítica. Naturalizou-se brasileiro. Permaneceu até 1941, quando se aposentou. Na época das comemorações do cinquentenário de fundação da Escola (1924), Carlos Lohmann era dos raros membros do corpo docente que não era ex-aluno do estabelecimento.

Sua principal atuação na Escola foi por ocasião da implementação do curso de química industrial, em 1920: entusiasta do projeto, logo foi alçado à condição de coordenador do curso, permanecendo até a sua extinção em 1930. Demonstrava orgulho por ter sido personagem ativo na formação dos químicos industriais pioneiros no país. Desde antes, granjeava admiração dos alunos por sua cultura e pelo reconhecimento da importância da química no desenvolvimento do país. Seus trabalhos técnicos e científicos eram respeitados pelos seus pares e requisitados pelo poder público ou indústrias: qualidade do açúcar, chás, mel e outros produtos de origem animal ou vegetal. Participou da Primeira Comissão (*Questões*

referentes à difusão da química no Brasil – Questões diversas, a química no estrangeiro – Questões de química pura) do Primeiro Congresso Brasileiro de Química.

Em paralelo ao seu trabalho na Escola Politécnica, Carlos Lohmann escreveu comentários sobre trabalhos de renomados professores do Colégio Pedro II. Notabilizou-se como consultor do Instituto da Propriedade Industrial, envolvendo análise e concessão de patentes nas mais variadas áreas do conhecimento, com foco em química industrial. Pelos relevantes serviços prestados ao Brasil, recebeu uma carta de agradecimento do Presidente Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954).

Antes de vir para o Brasil, Carlos Lohmann casou-se com Louise Schepper (1874-1957), com quem teve três filhos: Helena Lohmann, Júlio Otto Theodoro Lohmann e Alberto Amadeu Lohmann, os dois últimos nascidos no Brasil.

Carlos Lohmann faleceu em 14 de novembro de 1945, em desastre de automóvel no Rio de Janeiro, aos 72 anos, estando sepultado no jazigo da família no cemitério de São João Batista em Botafogo, bairro da zona sul da cidade.

BIBLIOGRAFIA

- ⇒ Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil por D. Pedro de Toledo, Ministro de Estado da Agricultura, Indústria e Comércio no ano de 1912. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1914, p. 95-102.
- ⇒ *Designação de um adido*. O Imparcial, Rio de Janeiro, n. 1203, 19 de abril de 1916, p. 6.
- ⇒ *Os concursos das Escolas de Medicina, Polytechnica e do Colégio D. Pedro II*. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, n. 7079, 15 de julho de 1918, p. 8.
- ⇒ *Qual é o melhor açúcar? É a sciencia, com a analyse chimica, quem responde*. O Paiz, Rio de Janeiro, n. 13495, 1º de outubro de 1921, p. 7.
- ⇒ *Um dia de jubilo para a sciencia brasileira*. A Noite, Rio de Janeiro, n. 4458, 23 de abril de 1924, p. 6.
- ⇒ <http://basearch.coc.fiocruz.br/index.php/julio-lohamann>. Acesso em 18 de agosto de 2021.
- ⇒ <https://capefgenealogia.com.br/familia-lohmann/>, acessado em 18 de setembro de 2021.